

Entrevista com a Ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima no Brasil – Marina Silva¹

1 Lepppai: Ministra, poderia nos contar um pouco sobre a sua trajetória pessoal e profissional, especialmente em relação ao seu compromisso histórico com a defesa do meio ambiente?

Nasci em um seringal às margens do rio Acre e vivi na floresta até os 16 anos, quando fui para a cidade em busca de tratar minha saúde e de estudar, pois não havia escola no seringal. Aprendi a ler num curso do Mobral, fiz supletivo de primeiro e segundo grau e entrei para um colégio interno católico, pois meu sonho era ser freira. Então fiz um curso com o frei Clodovis Boff em que um dos palestrantes era o líder sindical Chico Mendes. Imediatamente me juntei ao movimento dos seringueiros em defesa da floresta e dos direitos sociais para os povos da Amazônia. Saí do convento, fui morar num bairro da periferia de Rio Branco, prestei vestibular e entrei no curso de História da Universidade Federal do Acre. Já formada, passei a trabalhar como professora e mantive minha militância no movimento social, a amizade e o trabalho conjunto com Chico Mendes e outras lideranças políticas dos trabalhadores. Em 1988, fui eleita vereadora na cidade de Rio Branco, dois meses antes do assassinato do Chico. Em 1990, fui eleita deputada estadual. Em 94, fui eleita senadora, com apenas 36 anos, a pessoa mais jovem a conquistar uma vaga no Senado. Oito anos depois, quando estava iniciando meu segundo mandato como senadora pelo Estado do Acre, o Presidente Lula me convidou para ser Ministra do Meio Ambiente. Nessa trajetória, meu trabalho passou a ser num âmbito cada vez mais amplo, nacional e internacional. Mas duas coisas se mantiveram constantes: a primeira é um compromisso com a defesa do Meio Ambiente que não é ideológico, é vital e visceral; a segunda é o desejo intenso de estudar e aprender, lendo muito, fazendo cursos de pós-graduação, dialogando com os cientistas e estudiosos das mais diversas áreas do pensamento, sem me distanciar das lideranças culturais das comunidades, que me ensinam e me inspiram o tempo todo. Percebi, desde o início, que não tenho uma causa, a causa é que me tem. A sustentabilidade é essa causa. Não tomo decisões motivada por qualquer cálculo político, nem interesse pessoal ou de grupo, faço apenas o que se mostra como necessário para que essa ideia, sustentabilidade, seja compreendida e, se possível, assumida como visão de mundo pelo maior número de pessoas.

2 Lepppai: Qual é, na sua avaliação, a importância de o Brasil sediar a COP 30, e o que isso representa para o debate ambiental no País e no mundo?

A COP30 será realizada no contexto da maior crise enfrentada pela civilização, no momento em que se antecipam e se aceleram os efeitos da mudança no clima. Já registramos um aumento de 1,5 °C na temperatura média da Terra, algo que estava previsto para acontecer em 2028, mas já ocorreu em 2023. O balanço geral, feito antes da COP28 pelas Nações Unidas, mostrou que as ações de combate ao aquecimento estão sendo insuficientes. Enquanto os financiamentos aos países mais afetados não chegam sequer aos 100 bilhões de dólares acordados em Paris, há 10 anos, continuam a

¹ Nome pelo qual é conhecida Maria Osmarina Marina da Silva Vaz de Lima.

ser investidos de 4 a 6 trilhões de dólares por ano em atividades que desequilibram o planeta, reduzem a biodiversidade e afetam os oceanos, como é o caso dos combustíveis fósseis.

A COP 30, então, é o momento de uma tomada de decisão que não pode mais ser postergada. O debate ambiental, no mundo, deve estar marcado pelo sinal da urgência. A humanidade não tem mais tempo a perder. E o Brasil tem sido, especialmente neste mandato do Presidente Lula, uma voz de consciência no cenário mundial. Estamos, como costume dizer, liderando pelo exemplo, porque procuramos fazer o nosso dever, reduzir as emissões de CO₂, reduzir o desmatamento a zero até 2030, como se comprometeu o Presidente Lula, ampliar a geração de energia renovável e não poluente, ações que todos os outros países precisam também fazer.

Há uma força simbólica muito grande numa COP que se realiza na Amazônia, a maior floresta tropical do planeta, que regula funções importantes do clima, mas que, ao mesmo tempo, está ameaçada de diversas formas. A conservação da Amazônia é uma responsabilidade de todos, principalmente do Brasil, e requer soluções urgentes para os fatores que representam ameaça, dentre os quais o desmatamento e as queimadas são os mais evidentes. Só que esses fatores estão relacionados a modelos de desenvolvimento, ao tipo de atividade econômica, aos hábitos de consumo e a tudo o que convencionamos chamar de economia. Então precisamos de um grande plano de transição econômica e social. Nos últimos anos, surgiu, como um fator adicional, a associação entre a ocupação predatória e o crime organizado. A situação se torna mais complexa e desafiadora. É necessário um amplo entendimento político, num momento em que a própria política está em crise e as democracias ameaçadas. Ou seja, o debate não é estritamente ambiental, é muito mais amplo. E a COP30, na Amazônia, está ao mesmo tempo no âmago da crise e da possibilidade de sua superação.

3 Leppai: Os temas que serão discutidos na COP 30 guardam alguma relação com os desafios e responsabilidades da universidade brasileira? Como a universidade pode contribuir com esses debates?

Sem dúvidas. A universidade reúne uma parte significativa do pensamento filosófico e epistemológico, da ciência, da pesquisa, da capacidade estratégica de prospectar o futuro. As mudanças climáticas não são apenas uma série de desastres que temos que enfrentar, elas têm causas físicas, sociais e econômicas, impactam e transformam a sociedade, a economia, a cultura, todas as bases da civilização. As universidades não são depósitos de conhecimentos herdados dos séculos passados, elas são também, e principalmente, centros de elaboração de novos conhecimentos, de antecipação das situações futuras e de criação de alternativas. Além de promover o debate, de dar voz à ciência na discussão pública sobre o meio ambiente e o clima, a universidade pode adaptar seus currículos, suas linhas de pesquisa e seus programas de extensão para enfrentar os desafios deste século. E, principalmente, cabe às universidades a importante tarefa de reconhecer e promover os saberes ancestrais, indígenas, tradicionais e comunitários, dialogar com esses saberes, abrir-se a eles. Os cientistas que mais se aprofundaram no estudo e na pesquisa das questões ambientais estão fazendo esse encontro e esse diálogo. Eles verificaram que os povos originários e populações tradicionais, que vivem em contato mais íntimo com a natureza, dispõem de

conhecimentos essenciais para o enfrentamento e a superação da crise global que estamos vivendo. Esse é o caminho para a universidade. Parodiando a música que ouvimos na voz de Milton Nascimento, todo cientista tem que ir aonde o povo está.

4 Lepppai: A edição atual da revista traz como eixo temático os “Saberes e Práticas para uma Ecologia Integral”. Que reflexão a senhora propõe a partir desse conceito, considerando sua vivência e atuação?

Proponho, inicialmente, uma atitude de escuta. Com atenção e humildade, devemos ouvir o que os conhecedores, pesquisadores e estudiosos têm a nos dizer, todos eles, dos cientistas aos pajés. Também devemos escutar os líderes religiosos e espirituais das comunidades, de todas as tradições. Eles convivem com as questões mais íntimas do povo, com as experiências que dizem respeito ao sentido da vida. Devemos escutar as mulheres, especialmente as parteiras, enfermeiras, professoras, mães que sustentam suas famílias enfrentando e superando a injustiça e a exclusão. Escutar os agricultores, seringueiros, pescadores, eles conhecem o potencial a ser explorado e também os limites a serem respeitados na natureza. Com base nessa escuta, devemos elaborar, apoiar, financiar e executar os projetos e propostas de desenvolvimento econômico, social e cultural. Porque uma ecologia profunda, na perspectiva que o Papa Francisco expôs, é movimento, é ação para proteger a vida e promover um futuro melhor para todos.

5 Lepppai: Na sua visão, quais caminhos podem ser trilhados pelos jovens universitários para o cuidado com a nossa casa comum – o planeta, a vida e todas as formas de existência que a integram?

Tudo o que posso dizer é que contamos com os jovens estudantes para levar adiante o compromisso que a minha geração assumiu, quarenta anos atrás. E estamos abertos aos diálogos de atualização desses compromissos com as gerações que são deste século, que estão enfrentando os dramas e problemas da atualidade, que têm outras possibilidades, ou a angustiante ausência delas, para construir seu futuro. Quando jovem, acompanhei Chico Mendes e os líderes indígenas batendo às portas das universidades, levando estudantes e professores, cientistas e pesquisadores para a floresta, pedindo ajuda na elaboração dos projetos das comunidades. Esse compromisso com uma ecologia integral amplia os horizontes de trabalho, de novos conhecimentos, da renovação das utopias. O mundo depende, como sempre dependeu, de que a formação das novas gerações não seja apenas técnica, mas também e principalmente ética. Por isso, digo aos jovens: engajem-se, organizem-se e vão à luta.